

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO CURSO DE HISTÓRIA: A PERSPECTIVA DOS GRADUANDOS DA UFRRJ¹

Priscila dos Anjos Moraes² - UFRRJ

Marcos Aguiar de Souza³- UFRRJ

1 – INTRODUÇÃO:

Segundo Lima⁴, dentre as ciências sociais, a História é uma das que mais evoluíram nas últimas décadas e essa evolução se deu por conta do caráter interdisciplinar imprimido pela produção historiográfica contemporânea. Os horizontes dos historiadores se expandiram, novas temáticas, novos objetos e novos métodos foram adotados pelos historiadores graças à aproximação da História com a Antropologia. Mas essa perspectiva não é tão nova assim. Ela não nasceu com a escola dos *Annales* ou, melhor dizendo, com o movimento dos *Annales*. Já nos séculos XVIII e XIX, historiadores como Legrand d'Aussy e Michelet se ocupam do campo desprezado pela história factual, dos acontecimentos, ou seja, se preocupam em estudar uma história social dos costumes dos franceses, das mentalidades; uma história com uma abordagem cultural, mais estrutural que factual.

Assim, nesta perspectiva, o presente estudo pretende abordar o ensino de História sob a ótica dos alunos de graduação, utilizando para isso a Teoria das Representações Sociais no intuito de analisar os discursos dos graduandos do curso de História da UFRRJ sobre seu conhecimento sobre a área e o possível campo de atuação depois de formado.

A relevância do presente estudo está no fato de além de seu caráter inédito no curso de História da UFRRJ, propiciar dados tratados dentro de uma perspectiva de pesquisa científica para que tanto alunos como professores possam estar constantemente avaliando e reavaliando seu trabalho no intuito do aperfeiçoamento do mesmo. Tal atitude é de extrema importância uma vez que, não se trata de um fato novo, as Universidades estão passando por um momento de reformulação, e que os cursos de graduação além de formar mentes conscientes com os problemas da sociedade, devem estar atentas ao mercado de trabalho, uma vez que participamos de uma sociedade capitalista.

Leiria⁵ aponta para a análise da situação institucional do curso de História sob a perspectiva de alunos e professores:

É a um curso de História que se candidatam mas nem por isso sabem muito sobre o assunto. Os professores queixam-se da falta de conhecimentos que os alunos trazem do secundário. Os estudantes reclamam da falta de condições em que trabalham. Num curso muito vocacionado para o ensino, as saídas profissionais preocupam.

Um outro problema encontrado na realização deste trabalho consiste em definir o que é História, pois trata-se de algo complexo e que dependerá dos pressupostos político-filosóficos de quem está definindo. No entanto neste estudo opta-se pelo conceito de história como um fenômeno cultural⁶. Huizinga considera que “cada cultura cria e tem necessariamente que criar sua própria forma de História. O tipo de cultura determina o que é, para ela, a História, e como há de ser esta”⁷.

Borges⁸ coloca como função da História a busca de uma explicação genética da formação e consolidação da sociedade.

Desta forma o Historiador tem como campo de atuação não só o ensino, mas também a pesquisa. Tendo também como possíveis perfis os de agentes diplomáticos, culturais e comerciais, administradores de bens culturais, especialistas em patrimônio, arquivos, bibliotecas e museus.

Mesmo assim, é na educação que encontramos a maior demanda por profissionais da área de história, e, vale ressaltar, que os profissionais de história são formados num processo educativo. Desta forma coadunamos com Funari ao afirmar que a educação, em geral, não pode confundir-se com adestramento, com submissão, reprodução, mas deve ser, verdadeiramente, um crescimento interno, resultado da produção de conhecimento, exteriorização de capacidade de refletir e atuar, formação para a autonomia de pensamento e ação no mundo⁹. Neste contexto, um curso de História não pode visar o adestramento de reprodutores de fatos e datas, menos ainda, de cartilhas historiográficas da moda. Reproduzir autores na crista da onda, tendência natural em países periféricos como o

nosso, acaba por produzir reflexões datadas, pouco críticas e, sem dúvida, servis a modelos e esquemas. Um professor e/ou pesquisador que lecione e escreva a partir de um autor da moda parece-nos limitado. Em qualquer caso, mais do que desatualizados, quando seguimos cartilhas estamos reproduzindo, mais do que criando. Cabe, ao contrário, uma prática emancipadora que possa tornar autônomos os estudiosos da História¹⁰.

Neste sentido, enfatizamos, assim como Chartier, o papel que o estudo das representações tem para se alcançar a compreensão da realidade social. Nesse entendimento, o discurso (fonte com a qual os historiadores trabalham) é instrumento de transformação/conformação da realidade e não o seu reflexo¹¹.

A representação social refere-se a uma interpretação que permite pensar a nossa realidade cotidiana. É uma forma de conhecimento social, desenvolvido em conjunto por indivíduos e grupos, de modo a possibilitar um posicionamento diante de situações, eventos, objetos e comunicações a eles pertinentes. Em outras palavras, as representações sociais são como um reflexo interno de uma realidade externa. Desse modo, elas se tornam reproduções mentais do mundo e dos outros, com uma gênese socialmente compartilhada, o que justifica o termo social quando se referindo a tais representações¹².

Dentro da mesma linha de pensamento, Lefebvre¹³ e Heller¹⁴ destacam a análise crítica da mediação da vida cotidiana como um dos principais fatores para se entender a sociedade humana, pois ela representa na prática toda a superestrutura política, permeada de ideologia, além de sua história e cultura.

As reflexões a respeito de representação social levam a concluir que o ser humano, objeto e sujeito da história, desenvolve-se através de processo de comunicação, onde a representação social, dinamicamente, estrutura e é estruturada. Para analisar as representações que um indivíduo tem do mundo onde vive, ou viveu, é necessário captar a visão que tem de seu mundo, sabendo que tal visão dependerá do lugar ocupado pelo indivíduo em relação aos outros. Esta relação não é apenas objetiva, mas também subjetiva, onde um se confronta com o outro e, ao mesmo tempo, com a imagem que elabora do outro.

2 – MATERIAL E MÉTODOS:

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, onde a análise será qualitativa, numa abordagem fenomenológica. Na abordagem fenomenológica as realidades sociais são construídas nos significados e através deles e só podem ser identificadas na linguagem significativa da interação social¹⁵.

Participaram do presente estudo 61 alunos do curso de História da UFRRJ, sendo 29 homens e 32 mulheres com idade variando de 17 a 39 anos (média de 23,1 anos de idade). A distribuição por período do curso pode ser encontrada na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos alunos por Período.

| Período | Freqüência | Porcentagem |
|------------------|------------|-------------|
| Primeiro Período | 24 | 39.3 |
| Terceiro Período | 9 | 14.8 |
| Quinto Período | 11 | 18.0 |
| Sétimo Período | 17 | 27.9 |
| Total | 61 | 100.0 |

Foram administrados questionários abertos com questões versando sobre o conhecimento do que é História, a função da História, o campo de atuação do historiador e o campo de atuação do entrevistado depois de formado. Os dados colhidos foram analisados segundo a Técnica de Análise de Conteúdo¹⁶. Os instrumentos foram entregues individualmente durante as aulas, sendo pedido o seu preenchimento imediato. Foi garantido sigilo absoluto em relação às respostas.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No item que versava sobre o que é História as respostas foram agrupadas em cinco grupos. O primeiro que categorizava a História como uma área científica, outro considera a História como ligada ao estudo dos fatos do passado (datas, personalidades, eventos cronológicos), para um terceiro grupo a História se ocupa da formação da sociedade

(mentalidades, relações causais), o quarto grupo faz menção da História situado no espaço e no tempo (preocupada nas especificidades de cada espaço e época) e finalmente o quinto grupo caracteriza a História como um campo onde se prevê e constrói o futuro (teleológica).

Os Resultados podem ser encontrados na Tabela 2.

Tabela 2: Categorias de História

| O que é História | Frequência | Percentual |
|-----------------------|------------|------------|
| Ciência | 12 | 7.3 |
| Fatos do Passado | 54 | 32.9 |
| Formação da Sociedade | 74 | 45.1 |
| Espaço e Tempo | 11 | 6.7 |
| Construção do Futuro | 13 | 7.9 |
| Total | 164 | 100.0 |

Vemos, assim, o predomínio das opiniões em torno da História como o estudo da formação da sociedade (45,1%) e dos fatos do passado (32,9%).

Sobre a função da História destacamos cinco categorias. A primeira indicava a função de investigar e desvendar o passado, outra ressaltava a valorização e preservação da cultura, uma terceira colocava como principal ponto a investigação dos fenômenos sociais, outra colocava como função a transmissão do conhecimento por meio de relatos e arquivamento das descobertas históricas e a última categoria colocava como função da História a mudança da sociedade com a formação de uma consciência crítica. Os Resultados se encontram na Tabela 3.

Tabela 3: Categorias da Função da História

| Função da História | Frequência | Percentual |
|----------------------|------------|------------|
| Investigar o Passado | 42 | 31.1 |
| Valorizar a Cultura | 5 | 3.7 |
| Fenômenos Sociais | 55 | 40.7 |
| Arquivar e Relatar | 12 | 8.9 |
| Mudar a Sociedade | 21 | 15.6 |
| Total | 135 | 100.0 |

Percebemos a tendência de se categorizar como função da História e investigação dos fenômenos sociais (40,7%) e a investigação do dos fatos do passado (31,1). Levar a sociedade à mudança também obteve uma considerável frequência (15,6%).

Na área de atuação do historiados surgiram as categorias: educação/ensino, pesquisa, museus/arquivo/biblioteca, consultoria em cinema/TV/escolas de samba, analista internacional/diplomacia, projetos culturais/turismo. Os Resultados estão na Tabela 4.

Tabela 4: Área de Atuação

| Área de Atuação | Freqüência | Percentual |
|-----------------------------|-------------------|-------------------|
| Educação | 60 | 34.3 |
| Pesquisa | 42 | 24.0 |
| Museu | 39 | 22.3 |
| Cinema, TV, Samba | 16 | 9.1 |
| Analista Internacional | 4 | 2.3 |
| Projetos culturais, Turismo | 14 | 8.0 |
| Total | 175 | 100.0 |

Neste item a educação foi a área citada por quase todos (60 indivíduos representando 34,3% de todas as áreas citadas) seguida pela pesquisa (24%) e pelos museus (22,3%). Vale ressaltar as áreas pouco comuns como cinema, TV e escolas de samba (9,1%).

Sobre o futuro profissional foram citados: educação, pesquisa, museu, projetos culturais, consultoria em empresas, analista internacional e alguns relataram não saber do seu futuro profissional. Os Resultados estão na Tabela 5.

Tabela 5: Futuro Profissional

| Futuro Profissional | Freqüência | Percentual |
|----------------------------|-------------------|-------------------|
| Educação | 46 | 56.8 |
| Pesquisa | 20 | 24.7 |
| Museu | 2 | 2.5 |
| Projetos Culturais | 2 | 2.5 |
| Analista Internacional | 3 | 3.7 |
| Consultoria | 5 | 6.2 |
| Não sei | 3 | 3.7 |
| Total | 81 | 100.0 |

A perspectiva profissional dos graduandos parece se localizar na área da educação (56,8%) e na pesquisa (24,7%).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os resultados apontam para uma diversidade no conceito de História e na sua função também. Tal fato coaduna com as posições de Huizinga¹⁷ e Carr¹⁸. Este último considera que não é possível um estudo unicamente objetivo da história sem qualquer influência de uma intenção pessoal que imprima neste estudo, uma característica relativamente filosófica. Assim a tentativa de uma história definitiva, que se baseie em fatos tão indiscutíveis quanto qualquer objeto físico palpável é falaciosa. Os fatos históricos jamais falam por si, e sim, são sempre interpretados. Nem mesmo existem fatos consensualmente tidos como importantes, um historiador pode selecionar um evento para estudo que passe totalmente despercebido por outro, ou seja, não apenas a interpretação é pessoal, mas a própria escolha dos fatos.

Com relação à área de atuação e ao futuro profissional, embora encontremos uma diversidade de possibilidades na área de atuação, percebemos que a saída profissional continua pautada na área de educação. Tal fato preocupa-nos, principalmente quando observamos uma vasta área que poderia ser ocupada pelo profissional de história mas não são aproveitadas. Como exemplo poderíamos citar a atuação em Escolas de Samba e em consultoria para empresas, organizações não governamentais, TV, cinema entre outras.

Sobre este aspecto enfatizamos a importância dos eventos realizados nas universidades, tais como semanas de integração e semanas acadêmicas, por propiciar o contato com a realidade do mercado de trabalho e na ampliação dos horizontes dos graduandos com relação aos conceitos e aos objetos da História que são trabalhados das formas mais distintas por diferentes historiadores.

Sugere-se, entretanto, novas pesquisas no sentido de compreender e intervir na formação acadêmica dos graduandos de história nas diferentes universidades, identificando pontos “fortes” e fortalecendo os “fracos”, corroborando assim para a melhoria da qualidade do ensino e da formação profissional.

¹ Este trabalho faz parte do Projeto *Motivação Acadêmica e Perspectiva Profissional em Estudantes da UFRRJ*, desenvolvido no NEPAAR e coordenado pelo Professor Marcos Aguiar de Souza.

² Discente do curso de História da UFRRJ, Bolsista CNPQ-PIBIC.

³ Doutor em Psicologia Social, Chefe do Departamento de Psicologia da UFRRJ, Coordenador do NEPAAR (Núcleo de estudos Psicológicos Aplicados à Área Rural).

⁴ LIMA, E. **História e Antropologia: uma aproximação profícua**. Brasília: NetHistória. Disponível em: <http://www.nethistoria.com>. Acesso em: 10 jan. 2004.

⁵ LEIRIA, I. **Alunos de História Mal Preparados**. PUBLICO, Lisboa, 23 Ago. 2000.

⁶ HUIZINGA, J. **El Concepto de la Historia y Otros Ensayos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994

⁷ Idem, p. 91.

⁸ BORGES, V. P. **O que é História**. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 46.

⁹ FUNARI, P.P. A. Universidade, erudição e cidadania, **Jornal da Adunicamp**, maio de 1996. p.11

¹⁰ FUNARI, P.P. A. O ensino de História na Escola Técnica: teoria e prática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 179/180/181, 1996a. p.118-131

¹¹ CHARTIER, R. **História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

¹² JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Ed.) *Psychologie Sociale* (357 – 378). Paris: Presses Universitaires de France, 1984

¹³ LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

¹⁴ HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 3 ed.

HELLER, A. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1977.

¹⁵ SOUZA, M. A. **Abordagens Quantitativas e Qualitativas de Pesquisa: pressupostos epistemológicos**. NEPAAR, Seropédica, 2001.

¹⁶ BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. 7. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

¹⁷ cada cultura cria e tem necessariamente que criar sua própria forma de História. O tipo de cultura determina o que é, para ela, a História, e como há de ser esta. In: HUIZINGA, J. **El Concepto de la Historia y Otros Ensayos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 91

¹⁸ CARR, Eric. **O que é História**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.